

O RETORNO DA PAISAGEM À GEOGRAFIA Apontamentos místicos

JORGE GASPAR ¹

Resumo – A paisagem voltou a estar na agenda dos geógrafos, ao mesmo tempo que se manifesta a sua actualidade noutros domínios, das artes, das ciências e das humanidades.

Coexistem hoje nas abordagens geográficas diversos conceitos de paisagem, articulados com os diferentes paradigmas da disciplina.

Além de discutir esta questão e a sua incidência na literatura recente, o artigo dá ênfase a algumas «novas» dimensões sensoriais da paisagem: a olfactiva, a sonora, a táctil. São também abordadas as componentes da memória (paisagens biográficas) e a importância da escala nos estudos da paisagem.

Palavras chave: Paisagem, Geografia Cultural, Geografia Humanista.

Abstract – LANDSCAPE'S RETURN TO GEOGRAPHY – MYSTICAL NOTES – Landscape has returned to the geographer's agenda, at the same time that its actuality is manifested in other fields such as the Arts, Science and Humanities.

Nowadays, as far as geographical approaches are concerned, we can consider several concepts of landscape, articulated with the different paradigms of this science.

Apart from discussing this issue and its incidence in modern literature, the paper emphasizes some of the «new» sensory dimensions of the landscape: the olfactory (smellscape), the sonic (soundscape), the tactile (landscapes of touch). Components of memory (biographical landscapes) are also brought up as well as the importance of scale in studying landscape.

Key words: Landscape, Cultural Geography, Humanistic Geography.

Resumé – LE RETOUR DU PAYSAGE À LA GÉOGRAPHIE – NOTES MYSTIQUES – Le paysage est à nouveau dans l'agenda des géographes, en même temps que son actualité se manifeste dans d'autres domaines, tels les arts, les sciences et les humanités.

Aujourd'hui, des concepts divers de paysage coexistent dans les approches géographiques, en articulation avec les différents paradigmes de la discipline.

À part la discussion de cette question et de son incidence dans la littérature récente, l'article met l'accent sur quelques 'nouvelles' dimensions sensorielles du paysage: la dimension olfactive (smellscape), la dimension sonore (soundscape) et la dimension tactile (landscapes of touch). Les composantes de la mémoire

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Investigador do Centro de Estudos Geográfico da Universidade de Lisboa. E-mail: jgaspar@ceg.ul.pt

(paysages biographiques) et l'importance de l'échelle dans les études sur le paysage sont aussi soulignées.

Mots clés: Paysage, Géographie Culturelle, Géographie Humaniste.

ABERTURA

Dos inselberge à paisagem arquipélago

*Da Cova da Beira a Monsanto emergem vultos rochosos, descarnados, como elementos geométricos, rígidos, numa superfície aplanada – são os montes-ilhas, **inselberge** na linguagem dos geógrafos/geomorfólogos da primeira metade deste século, que procuravam, a partir da construção de uma língua franca, argumentos para a unidade da prática de uma disciplina ainda mal definida.*

Orlando Ribeiro investiu anos do seu labor e do seu amor à terra nesta busca, pelos espaços da Raia, entre Tejo e Côa, cabeceiras da bacia duriense. Buscas com bússola, martelo, saco às costas, cadernos cheios de notas e mais apontamentos, mapas constantemente refeitos. E muita imaginação, de que se faz a ciência e a arte.

*Entretanto permaneceram os **inselberge**, mas o «mar» pulverizou-se em múltiplas situações, por vezes crípticas, de insularidade humana e cultural. Hoje a ciência tem dificuldade, por carência teórica e metodológica, em apreender esta nova realidade, em delimitar a nova paisagem. Só uma atitude poética introduz um sentido, uma justificação, navegando com tacto apurado entre estes ilhéus, apenas palpitantes, olhando o tempo que passa. (GASPAR, 1997).*

A paisagem que constituiu o conceito-chave do paradigma dominante na Geografia de entre as duas grandes guerras, voltou a estar na agenda dos geógrafos. O regresso à paisagem faz-se em várias frentes e a partir de escolas antecedentes distintas. Desde logo, pela renovação que os geógrafos franceses têm vindo a fazer, de G. Bertrand a A. Berque (cf. BERTRAND, 1984; BERQUE, 1990; PINCHEMEL e PINCHEMEL, 1992; CLAVAL, 1995), mas também por via da renovação da orientação culturalista da Geografia Humana anglo-saxónica, integrável ou não na corrente Humanista (cf. LEY e SAMUELS, 1978; COSGROVE, 1984; 1985; COSGROVE e DANIELS, 1987; YI-FU TUAN, 1993; CRANG, 1998; MITCHELL, 2000).

Mas o regresso à paisagem não é só apanágio da Geografia, manifesta-se em vários outros domínios onde é necessário apreender a luz, as formas, os ambientes, para compreender os lugares e o sentido do espaço e do tempo; daí as novas paisagens da pintura, da literatura, da arquitectura e a continuidade renovada da fotografia.

Sendo a paisagem um conceito moderno, qual a explicação para o seu renascimento nos tempos pós-modernos? Será que as interrogações do homem pós-moderno remetem também para a perda de identidade paisagística e daí, por carência, se tenha chegado mesmo à mitificação da paisagem?

As múltiplas pesquisas sobre a paisagem têm feito ressaltar a importância de novas dimensões, que vão para lá da simples apreensão visual ou da resul-

tante das relações entre o Homem e o Meio. Por um lado, têm valorizado a importância de outros sentidos na apreensão das paisagens (o olfacto, o ouvido, o tacto) e, por outro lado, como o notaram Phillipe e Geneviève Pinchemel, têm sido reveladas nas «novas paisagens» outras dimensões valorativas, para além da «paisagem como quadro de vida»: paisagem-património, paisagem-valor de identidade, paisagem-recurso (PINCHEMEL e PINCHEMEL, 1992, p. 377).

Paul Claval, na sua proposta de grelha de leitura das paisagens, também aborda a questão do «utilitarismo» na concepção das paisagens, como no caso do Middle West norte-americano (CLAVAL, 1995, p. 264). Curiosamente, o tema já foi abordado, literariamente, há quase um século, por Miguel Unamuno:

*Y es, sin embargo, ese trabajo el que nos ha de enseñar a querer la tierra. El amor desinteresado al campo, el sentimiento de la Naturaleza tiene su origen en la utilidad que aquél nos presta. Y aquí permítame, amigo, que le reproduzca lo que en uno de los trabajos que figuran en mi libro **Paisajes** escribí a este respecto. Dice así: "La belleza es ahorro de utilidad...".* (UNAMUNO, 1907; 1960, p. 182).

Para introduzir esta complexa evolução é fundamental o contributo iluminante de Denis Cosgrove «Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea» (COSGROVE, 1985). Associando o renovar dos estudos da paisagem em Geografia à emergência da perspectiva humanista no coração desta disciplina, Cosgrove encontra em William Bunge, surpreendentemente, a mais clara afirmação da centralidade da vista em Geografia: «Geography is one predictive science whose inner logic is literally visible...» (BUNGE, 1966).

Orientações mais «críticas» têm vindo a desenvolver-se, sobretudo nos Estados Unidos, com raízes na «Geografia Radical». Estas abordagens têm tratado questões de classe, género, raça, etnicidade e sexualidade. «Social contestation, rather than the invisible working of culture, was put at the forefront of landscape analysis» (MITCHELL, 2000, p. 62).

Parece que a paisagem é uma invenção do Renascimento ou, mais apropriadamente, da pintura renascentista (cf. PERIGORD, 1996; BÉGUIN, 1995). Desde então não deixou de estar presente na preocupação de artistas, viajantes, cientistas e até dos políticos, embora com altos e baixos, ou seja, períodos de maior procura, alternando com períodos em que era mais votada ao esquecimento.

Creio que o interesse pela paisagem foi sempre estimulado pela viagem, pela abertura ao mundo, aos mundos. E isso aconteceu, decerto, muito antes do conceito e da palavra terem sido elaborados no Renascimento. Não terão sido então as viagens e as descobertas – marítimas e terrestres – que catalisaram o processo de invenção da paisagem? De qualquer forma, as próximas revoluções nos modos de transporte trouxeram um outro impulso ao «paisagismo», nas artes, nas ciências, nas humanidades, com efeitos nas representações dos lugares e dos territórios, com efeitos no uso do tempo e nas economias.

O comboio impulsiona as visões das paisagens no século XIX, com reflexos fundamentais nas orientações geográficas, de Humboldt e Ratzel aos fundadores da moderna geografia francesa.

O automóvel vai permitir, a um tempo, o alargamento do campo de pesquisa e o seu aprofundamento. Disso nos deu nota Miguel Unamuno, já em 1907, nas suas notas finais sobre as viagens Por Tierras de Portugal y de España: «Otra de las cosas que contribuyen hoy aqui a desarrollar la afición al campo y al goce de las bellezas de la Naturaleza es el automóvil. El deporte automovilista ha llevado a muchos a comocer campiñas y rincones que antes ignoraban, ha hecho que muchos empiecen a descubrir España.» (UNAMUNO, 1907; 1960, pp.187-188).

A popularização do automóvel que entretanto se verificou, a níveis nunca imaginados, não só banalizou o passeio, como a viagem, permitindo um infinito de visões sobre as paisagens, que variam segundo o observador, mas também, e de que forma, segundo a velocidade.

Até que o TGV veio trazer novas imagens, como nos apresentou Yoshio Nakamura «Le TGV est un aspirateur du paysage» a-t-on dit quelque part en une bien intéressante métaphore. En effet, le paysage, disséminé en corps poudreux comme de la poussière, est aspiré vers l'arrière, comme dans un aspirateur. A la pointe de la civilisation contemporaine, cette métaphore célèbre annonce la mort du paysage traditionnel» e mais adiante «L'aspirateur du paysage fait sentir que le train à grande vitesse est en outre un média générateur d'images.» (NAKAMURA, FRIELING e HUNT, 1993, pp.16-17).

G. Dematteis, ao analisar o conceito de paisagem que se desenvolveu na Geografia dos séculos XIX e XX, encontrou duas tendências fundamentais:

- a. *a paisagem como símbolo, isto é, como conjunto de sinais a interpretar;*
- b. *a paisagem como modelo, isto é, como construção racional explicativa da realidade externa.*

Enquanto no primeiro caso estamos perante o ponto de partida para um processo de aprendizagem, «um percurso cognitivo», no segundo «o reconhecimento de uma paisagem... é um ponto de chegada», ou ainda segundo Dematteis «...uma construção racional e objectiva cujos significados analíticos já foram explicitados.» (DEMATTEIS, 1995, p. 45).

O esquema seguinte, traduzido da citada obra de G. Dematteis sistematiza várias abordagens geográficas, que, de algum modo, utilizamos em diferentes fases do trabalho científico. De facto, tanto o símbolo, como o modelo são permanentes e recorrentes nas abordagens geográficas.

Recordo aqui uma inesquecível excursão de uma semana, com Orlando Ribeiro, por terra de Lião e Galiza. Então, por volta de 1970, Orlando Ribeiro não gostava de ouvir falar de «modelos em Geografia» e eu, no meu entusiasmo com Christaller vinha amiúde com argumentos (creio que pouco convincentes) a favor. Viajávamos de Corunha para Orense, e Orlando Ribeiro puxa do microfone do autocarro e começa a «descrever», de forma exemplar, a paisagem típica da Galiza interior, mas o que víamos não correspondia ao modelo que ele nos apresentava no seu estilo modelar! Não perdi a oportunidade de lhe mostrar

como os modelos eram importantes em Geografia (!) e como, mesmo no campo, temos necessidade de recorrer a essas simplificações da «realidade» observável.

Que pena só 20 anos mais tarde ter sido publicado um artigo de Dematteis onde estas questões são explicitadas (DEMATTEIS, 1989).

Sujeito		
Símbolo	<i>Paisagem torna-se um facto puramente interno</i>	<i>Paisagem da geografia historicista e das ciências</i>
	Relações internas: – paisagem como construção mental do sujeito	Relações entre o sujeito – paisagem como produto histórico-social
<hr/>		
Símbolo	<i>Paisagem do enfoque percepcionista e humanista</i>	<i>Paisagem da geografia e do enfoque positivista</i>
	Relações entre representações e coisas – paisagem como resultado de tal relação	Relações causais entre as coisas – paisagem como geosistema
Objecto		Modelo

* Adaptado de DEMATTEIS, 1995, p.47.

No possibilismo, a **paisagem** aparece associada ou mesmo decorrente do género de vida (*genre de vie*) e a grande divisão encontra-se entre as *paisagens de sedentários* e *paisagens de nómadas*; chegou-se também aos conceitos (embora menos operativos) de *paisagens urbanas* e *paisagens rurais*, embora, claro, o ponto de convergência é o que articula paisagem com região.

A actualização do conceito de género de vida pode, entretanto, ajudar-nos a compreender muitas transformações que se têm vindo a operar, de forma acelerada, no último quarto de século. O território está hoje fortemente marcado pela acção do novo nomadismo: os não-lugares, os múltiplos centros de lazer e de consumo, o «caranversaille» que antecede a entrada em muitas cidades europeias e americanas... Torna-se também visível, mais notavelmente a diferença entre as paisagens do feminino (sedentárias) e as do masculino (nómadas).

Esta permanente (e crescente) deriva que origina também novos movimentos de peregrinação, gerados pelas saudades da paisagem perdida: quer seja a dos campos (que no revivalismo do macro-arranjo paisagístico se confunde com paisagem – sobretudo em França), quer seja a das cidades.

Yoshio Nakamura (NAKAMURA, FRIELING e HUNT, 1993) a propósito da visão da paisagem a partir do TGV, fala-nos de outras situações em que «o olho do homem contemporâneo se desloca num espaço englobando as vias aéreas e as auto-estradas, as torres e o metro. Também aí, a visão vacila sem interrupção. A fragmentação da cidade e do território, que não resulta de uma visão linear exclusivamente imóvel é apreendida através de ruídos e vibrações sentidas pelo corpo em movimento» (p. 17) e conclui logo a seguir «já não se trata da ordem estabelecida pelas civilizações agrícolas sedentárias. É a imagem de um mundo nómada em perpétua mobilidade» (p. 17; sublinhado nosso).

Também François Béguin nos chama a atenção para os casos do pintor E. Hopper e do cineasta W. Wenders, que tão bem «exploraram as paisagens da errância» (BÉGUIN, 1995, p. 27). Poderíamos juntar muitos outros artistas plásticos, escritores, fotógrafos e cineastas, que sentiram, através de todo o século XX, o fascínio e a mensagem das estações de caminho-de-ferro, das auto-estradas, dos motéis, das cafeterias de estrada, das estações de camionagem, dos caminhos das estrelas.

De entre os valores que mais se afirmaram na avaliação paisagística emerge a água, de todos os tipos, a todas as escalas. Será também um sinal do caminho para um novo nomadismo?

A água que se bebe, que se aprecia, como os vinhos ou as cervejas – o gosto, o tacto, as propriedades dos constituintes; a água dos banhos – a redescoberta da arte do banho (das imersões aos *jacuzis*); a água como visão frequente (repuxos, lagos, quedas de água – nos centros comerciais, nos hotéis...); ou como companhia – habitar numa frente de água (o sucesso das *waterfront development*...); em última análise a litoralização que se observa em todos os continentes: para residências permanentes e secundárias (ou primeiras e segundas...).

A água é um bem escasso! Não se cansam de pregar todos os ministérios do ambiente, organizações internacionais planetárias e várias ONGs. E mesmo assim cada vez o *consumo* da água (da ingestão, às lavagens ou simples contemplação – visual ou auditiva) é maior. Talvez porque é um bem escasso! Talvez porque há um desejo de voltar à origem. A água é o elemento chave nas novas paisagens que se constroem. As paisagens do novo nomadismo: marcado por rotas (redes) e oásis.

El agua es, en efecto, la conciencia del paisaje; en el agua, cuando queda quieta y serena, se reflejan los árboles y las rocas, en el agua se ven como en espejo, en el agua se desdoblán, adquieren reflexión de sí; el agua es, repito, la conciencia del paisaje. Donde hay agua parece el paisaje vivo. Y el agua del río es conciencia viviente, conciencia movediza. (UNAMUNO, 1907; 1960, p. 175).

OUTRAS PAISAGENS

O renascimento dos estudos da paisagem em Geografia tem contemplado não só novos «olhares», como também a emergência de novas apreciações sensoriais da paisagem, com destaque para o olfacto e para o ouvido. Entraram assim no vocabulário geográfico, termos novos, como *smellscape* e *soundscape*.

Referimo-nos às nossas abordagens de geógrafos, restando embora que também nas artes e na literatura se tem verificado uma grande renovação da abordagem das paisagens, com um claro alargamento do conceito, sendo cada vez menos precisa a diferença entre panorama, vista e paisagem, já diferenciáveis no século XIX, como, por exemplo, nos «Apontamentos de Viagem», de Alexandre Herculano, em meados do século XIX (cf. HERCULANO, s/d).

As paisagens olfactivas

Embora menos consciencializada que outras paisagens, a olfactiva deixa impressões fortes na memória dos lugares e dos momentos. Durante muitos anos, as cidades da Europa (que então começava nos Pirinéus) tinham um cheiro característico, que levei algum tempo a localizar, era o do *fast-food* – os *Wimpy*, *MacDonalds*, *BurgerKing* e tantos outros, que então ainda não existiam na Península Ibérica. Assim, hoje, Lisboa já começa a ter uma paisagem olfactiva que a aproxima das congéneres europeias.

Em contrapartida, para muitos portugueses, o cheiro da cidade espanhola era marcado pelos fritos (as *churrerías*...) e pelo tabaco negro.

Ainda hoje, há uma diferença grande na paisagem olfactiva das aldeias do Norte e do Sul, em Portugal. Nas Beiras, Trás-os-Montes e Minho, é forte o cheiro do fumo das lareiras e, embora menos que noutros tempos, o cheiro do gado bovino (estrupe..) povoa a atmosfera de grande parte dos aglomerados rurais. Já no Alentejo, as aldeias não só são mais «limpas», como são quase inodoras – nalgumas épocas do ano destaca-se apenas o odor da flor de laranja, quando as ruas estão arborizadas com esta espécie.

No fundo, temos aqui mais uma dimensão da oposição das paisagens produzidas pelo campesinato e pelo proletariado agrário.

A abordagem sistemática das paisagens olfactivas é feita pelo geógrafo canadiano J. Douglas Porteous (PORTEOUS, 1977; 1982; 1985), que terá mesmo «fundado» o conceito de *smellscape*. Este autor assinala que o homem, no seu processo de evolução social, perdeu muito da sua capacidade olfactiva: na actualidade, 90% das percepções são adquiridas visualmente grande parte das restantes adquirem-se através do tacto e do ouvido.

Apesar do «*smellscape*» não ser contínuo, «fragmentado no espaço e episódio no tempo e limitado pela altura dos nossos narizes em relação ao chão», segundo Porteous, os cheiros podem ser ordenados espacialmente (PORTEOUS, 1985, p. 359).

As paisagens olfactivas variam no espaço e no tempo e têm claras diferenciações de lugar para lugar. Por outro lado, ocupam uma presença importante nas memórias, que pode determinar decisões, com reflexos no ordenamento espacial das pessoas e das actividades.

Se a literatura de ficção constitui uma fonte inesgotável para aprofundar as paisagens olfactivas, o inquérito e o levantamento sistemático constituem os métodos adequados para o apoio à gestão e planeamento da componente do odor no ambiente urbano.

O ambiente olfactivo é, de resto, desde há muito, uma preocupação na questão urbana e no planeamento urbano. Em países como o Japão e os Estados Unidos o tema encontra-se tratado nalguns planos de estudos (OHNO e KABAYASHI, 1997 e 1998).

O caso mais espantoso que encontrámos relativo à paisagem olfactiva remete para uma catástrofe ecológica que afecta uma cidade numa região carbonífera do sudeste da Pensilvânia (EUA): **Centralia**.

Centralia, near the heart of Western-Middle anthracite region, appears suddenly, striking in change from the piles and rubblescapes which precede it along highway 61. The familiar grid street pattern, sidewalks, curbs, a municipal bench to sit on, and large curb-side trees which betray the age of the town. Then, driveways and walks up to... empty lots. Some mowed, some planted with wildflowers. But, oddly, no houses. Then a few houses. Row houses, narrow and tall. Actually a single row house, divorced from its long-time neighbours and necessarily propped up with red brick buttresses. A fire smolders in the abandoned mines under Centralia. Most of the 1400 Centralians, after years of protracted conflict with state and federal agencies and each other, have left, their homes purchased and demolished by the federal government, converted into piles somewhere else.

***The sulfury smellscape of Centralia grows more insistent as one nears the «hot» part of town, where the fire is closest to the surface.** A Church near a field of pipes venting noxious gasses- and further stoking the fire – sits near the southern edge of town. Beyond this gentle curve of highway 61 (this street closed to traffic) slopes through a broad, rumpled, smoking field, well-baked dead trees bleached white and charred at their bases. One stands on the buckled asphalt road and watches this curious, roasted landscape... but not for long. The road is hot through your shoes. Moving onto the spongy, burnt field from the road you must step around small holes venting fumes from far bellow. A taste of soil from near one of these vent holes betrays some sense of the place: a complex, slight sulfury burnt flavour with a mettalic overtone, fine and dusty in consistency. Surprisingly moist and organic, it quickly coats your mouth with an inky pervasiveness. Repeated spitting never quite expels the blackness, and the taste remains in your mouth as Centralia remains in your mind.*

Centralia is duplicity in a duplicitous landscape. A town that really isn't a town, yet someone repairs and maintains the roads and sidewalks, and a post office and a location on the state road map are retained. A town with solitary «row» houses and empty lots filled with wildflowers simmering over a malodorous fire. A town which ended up in turmoil, half the Centralians wanting to get paid

*and get out and half wanting to stay. A town where death threats and tire slashings and fire bombings peppered the debate over whether to preserve the «community». A town where state and federal engineers, bureaucrats, and politicians bumbled and dug holes and sunk test pits and declared the place safe and declared the place dangerous and confused themselves and the Centralians. **Above all, the taste of Centralia is much as Centralia is: sulfury, burnt, and sparse, dense with organic material, once alive but now dead, seemingly fertile but damned by what burns below.** (KRYGIER, 1998).*

As paisagens sonoras

O interesse pelo som das paisagens é recente entre os geógrafos e manifesta-se apenas na corrente «Humanista», no contexto das experiências sensoriais que os lugares facultam. Mas o elemento som/ruído preocupa cada dia mais os profissionais do Ordenamento do Território, no contexto da qualidade ambiental. Assim, fazem-se medições de ruído e elaboram-se mapas de ruído, existindo directivas comunitárias e legislação nacional que regula esta componente da «degradação» das paisagens. Importa aqui remeter para os trabalhos de Murray Schafer, nomeadamente o *The Vancouver Soundscape* e os vários estudos comparativos de «paisagens sonoras no Mundo», resultantes do Projecto Mundial de Ambiente Sonoro, lançado em 1971, a partir da Universidade Simon Fraser (Vancouver, B.C. Canadá); para uma visão de síntese veja-se Schaffer, 1977.

Por outro lado, há hoje uma preocupação com o «paisagismo» sonoro em espaços públicos, que vão das lojas e centros comerciais até zonas urbanas de algumas cidades. O objectivo é, como no paisagismo visual, amenizar o ambiente, tornando-o mais aprazível, o que muitas vezes não é conseguido nos sons, onde o consenso sobre o aprazível é mais difícil; vejam-se, por exemplo, o pesadelo sonoro de algumas praias da nossa costa ocidental ou a estridência «musical» que ocupa certos lugares públicos de algumas cidades de pequena e média dimensão, mormente por altura de eventos festivos.

Também nos campos se alterou profundamente a paisagem sonora, onde o roncar dos automóveis e das motocicletas substituiu o chiar dos carros dos bois, de que nos falam muitos escritores, ou, por vezes, de forma irreverente, a substituição radical do sino da aldeia pela aparelhagem sonora, que marca o ritmo do dia com a música sintetizada alusiva a Nossa Senhora de Fátima.

Mas os sons, apesar do crescente ruído de fundo, sobretudo em ambientes urbanos, são referências fortes nas leituras e memórias dos lugares, tanto pela presença como pela ausência: só quando saímos da grande cidade e nos «embrenhamos» no campo, fora das fontes sonoras, nos apercebemos do que é o poderoso pano de fundo sonoro do meio urbano. Escutar o silêncio da peneplanície alentejana, entrecortado por sons novos, subtis, ao ponto que os desconhecemos é também a tomada de consciência da dimensão da poluição sonora das nossas cidades, dos nossos ambientes de trabalho, das nossas casas.

Foi através das abordagens literárias que primeiro se desenharam esses pormenores do som da paisagem, de que Eugenio D'Ors, um autor espanhol, grande especialista do Barroco, nos deixou numa amostra inexcedível na recriação ambiental, em 1921:

Fielmente guardo a memória de uma hora meridiana, certo dia de Maio, no Jardim Botânico de Coimbra. Hora lenta e turva, de perfumes vegetais e arrulhos voluptuosos. As palmeiras esbeltas, ávidas de sol, subiam, dominando desde cima as copas, que agora esqueciam, nas alturas do seu palácio de luz; assim mulher desnuda ante o espelho olvida, pelo resplendor inteligente dos olhos, as feras sombras que o instinto encontrara a meio subir... Sim, as palmeiras dominavam os loureiros; mas as trombetas marciais soantes nalgum quartel vizinho não afogavam o cálido gemer das rolas.

Vozes de rolas, vozes de trombetas, ouvidas num jardim botânico... Não há paisagem acústica de emoção mais caracteristicamente barroca.

Foi naquela hora primaveril e solar que me foi dada, no tédio e no recolhimento, a posse de uma verdade fecunda a saber: que o Barroco está secretamente animado pela nostalgia do Paraíso Perdido.» (E. D'ORS, O Barroco, ed. Vega, Lisboa, s/d).

As imagens sonoras estão para a paisagem visível, como a imagem de avião (ou de satélite) está para a do observador no terreno: já tem um trabalho de modelação, de abstracção.

A paisagem sonora é, muitas vezes, a que selecciona, a que apreendemos quando fechamos os olhos – a derradeira lembrança que queremos levar de um lugar; ou de uma *vivência*, como diria Ortega Y Gasset. As imagens que guardamos antes do sono, quer o sono do dia-a-dia/noite-a-noite, quer o sono absoluto.

Agora só me resta ouvir; [Now I will do nothing but listen]

Para juntar o que oiço a este canto, para deixar que os sons contribuam para ele.

Oiço bravuras de pássaros, o rumor do trigo que cresce,

O crepitar da lenha com que cozinho,

Oiço o som que amo, o som da voz humana,

Oiço todos os sons, juntos, combinados, fundidos ou seguindo-se,

Sons da cidade e sons de fora da cidade, sons do dia e da noite,

O granizo bate-me com toda a fúria, perco o ânimo,

Mergulho na doce morfina, estrangulam-me os falsos sinais da morte,

Por fim de novo me ergo para sentir o enigma dos enigmas,

Isso a que chamamos Ser.

(WALT WHITMAN, *The Song of Myself*, 1881; tradução de José Agostinho Baptista, *Canto de Mim Mesmo*, Assírio e Alvim, 2^a. ed. Lisboa, 1999, pp. 68-71).

As paisagens do tacto

Foi ao ler o fascinante *Passing, Strange and Wonderfull* (YI-FU TUAN, 1993), na Parte II *Sensory Delights*, quando cheguei à abordagem das *Landscapes of Touch*, as paisagens do tacto, que me lembrei de uma experiência extraordinária que os meus alunos de primeiro ano me proporcionaram. A propósito da multidimensionalidade e multisensorialidade da paisagem, um aluno interpelou-me sobre como sentiriam os invisuais a paisagem – lembrei-me logo de uma disposição que existia (não sei se ainda permanece nalgumas faculdades), que barrava o curso de Geografia a invisuais. De certo modo, esta era uma das respostas...

Depois falámos dos cheiros, dos sons e, em última análise, do tacto... Creio que ainda não tinha sido publicada a obra de Yi-Fu Tuan. Na aula seguinte o mesmo aluno veio ter comigo a propor que convidássemos um invisual para participar numa aula sobre o tema das paisagens. Sugeri que o convidássemos antes para uma excursão e indiquei mesmo um percurso, curto e a fazer a pé, local rico em cheiros e em sons variados, talvez o percurso ribeirinho, de Cacilhas à Quinta da Arealva, na base da arriba da margem esquerda do gargalo do Tejo, pelo Ginjal, Olho de Boi, Companhia Nacional de Pesca... com os cheiros do mar, do rio e da terra, de águas já salgadas, limpas ou menos limpas, sons de barcos variados, da ondulação, das actividades económicas ribeirinhas e, como som de fundo, em crescendo, à medida que caminhávamos para aquela pérola que nos lembra uma marinha do Renascimento (a Quinta da Arealva), o bum/vrum/bum/vrum dos automóveis sobre a estrutura metálica da Ponte 25 de Abril.

Essa excursão acabou por não se realizar, mas o aluno entrou em contacto com a Associação de Cegos de Portugal, através do seu presidente, um jovem licenciado em Filosofia, que se prontificou para nos acompanhar numa visita de estudo que calhou ser a excursão «habitual» aos antigos portos fluviais do Tejo (Lisboa-Valada-Santarém-Salvaterra de Magos-Lisboa). Foi uma jornada inolvidável. O diálogo com o nosso convidado proporcionou novos aprofundamentos na leitura das paisagens, sobretudo pelas «paisagens do tacto» – é a partir das solas dos sapatos que os invisuais lêem mais continuamente a paisagem, além do recurso a outras formas tácteis e, naturalmente, a outros sentidos. Mas o mais interessante veio na conversa do fim da excursão, em jeito de síntese, quando o nosso amigo nos chamou a atenção para outras paisagens: as paisagens do espírito! Também, neste caso, só mais tarde descobri um livro que teria ajudado, ... *Les Géographies de L'Esprit*, de Marc Crépon (CRÉPON, 1996).

Pena foi, além disso, não termos ainda a obra de Yi-Fu Tuan, para aprendermos como os que usam sobretudo a visão também recorrem frequentemente ao tacto, inclusive através dos olhos (p.43): «Reddisf fluffy surfaces are warm, light-blue glittering ones cool. A glass coffee table next to a polished walnut chest is a tactile composition...» E é pela mão do geógrafo norte americano que podemos aprender que a pintura tem «tactile values» e que Robert Hughes

escreveu a propósito de *The Leaping Horse* de John Constable «...this is the landscape of touch.» (p. 43).

Tuan ensina-nos ainda coisas extraordinárias sobre o tocar «An old European town with cobbled streets and half-timbered houses opening onto a sun-drenched plaza is a visual-tactile feast» (p. 44); « The softness of water...» no jardim chinês, que é composto de *Yin* (soft) e *Yang* (hard) (p.44). Lembra-nos também que o tacto é o sentido mais seguro, por isso São Tomé tocou Cristo, não se contentando com o «ver para crer» (p. 45).

Só depois de ler Tuan me lembrei como é pelo tacto que muitas vezes procuramos atingir o tempo na paisagem as pedras, as esculturas, as árvores ancestrais, geram em nós o impulso de tocar.

E partindo da ideia de que comer é um modo de tocar (p.46) ou, segundo Samuel Butler, «Eating is touch carried to the bitter end», pude finalmente racionalizar muitos impulsos que temos face à paisagem: a passagem do visual para o comestível- os vegetais, os animais, a água.

As paisagens biográficas

Há ainda as paisagens biográficas, percorrer os caminhos da vida de alguém que nos deixou memórias, em imagens imaginadas ou em imagens construídas na paisagem que herdámos no terreno; são paisagens que podemos visitar através de dois percursos, complementares. O da imaginação, auxiliada ou não por documentos (escritos, fotográficos, orais, edificados) ou revisitando com olhar retrospectivo a materialização, possível no agora, de uma vida.

Recordo com alegria uma visita de estudo, feita em duplicado, pois a turma de Geografia Humana I tinha perto de 200 alunos, pelo que a excursão teve dois turnos. Visita facultativa, extra-programa, sugerida por um aluno durante uma aula teórica, quando falávamos de paisagens, representações, memórias e, também, da capacidade de síntese que os poetas podem conseguir.

Foi uma visita pela paisagem biográfica (e bibliográfica) de Cesário Verde.

Primeiro, o encontro, no jardim que leva o nome do poeta, no mesmo quadrilátero onde o arquitecto Norte Júnior desenhou e construiu o seu *atelier*, obra de iniciado, hoje escondida por detrás da vegetação, naquele espaço que poderia ser um pequeno quarteirão do que foi então um bairro moderno.

*Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadomizada.*

Dali descemos para a **Cidade**, para a Baixa, onde Cesário terá sonhado com poemas por detrás do balcão da loja de ferragens; e lembrámos o outro poeta de **paisagens em nostalgia**.

*Há quem olhe para uma factura e não sinta isto.
Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias.
Eu é até às lágrimas que o sinto humaníssimamente.
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos escritórios!
Ora, ela entra por todos os poros... Neste ar marítimo respiro-a.*

(ÁLVARO DE CAMPOS/FERNANDO PESSOA)

Percorrendo as ruas pombalinas, em direcção ao Tejo, chegava-nos o cheiro da maresia – a permanência da paisagem dos cheiros – e a visão retrospectiva das **paisagens do espírito**.

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

Da Praça do Comércio, arrancámos, não de trem, mas de autocarro, pelo aterro, até Linda-a-Pastora, onde ainda são visitáveis os restos da quinta, em socalcos, dos pais de Cesário Verde. Quinta de lazer, mas também de rendimento e, além disso, refúgio na natureza, quando Lisboa se tornava repulsiva. Entrámos na leitura do **NÓS**:

*Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre
E a Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.*

*Que fruta! E que fresca e temporã,
Nas duas boas quintas bem muradas,
Em que o Sol, nos talhões e nas latadas,
Bate de chapa logo de manhã!*

*O laranjal de folhas nefrejantes,
(Porque os terrenos são resvaladiços)
Desce em socalcos todos os maciços,
Como uma escadaria de gigantes.*

*Era admirável – neste grau do Sul! –
Entre a rama avistar teu rosto alvo,
Ver-te escolhendo a nova diagalvo,
Que eu embarcava para Liverpool.*

*A mim mesmo, que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, e me mine uma lesão.*

Com o «anúncio» da doença que em breve se declarava, também nós deixávamos as terras que tão bem Garrett tinha descrito e viajámos até Caneças,

onde Cesário Verde passou os últimos tempos da sua vida, procurando a cura, nos bons ares e boas águas, como tantos outros lisboetas do seu tempo, afectados pela tuberculose. A propósito, uma referência ao facto de, no Diário de Notícias desse tempo, um hotel de Caneças sublinhar no seu anúncio que não aceitava hóspedes doentes... Talvez por isso a busca dos bons ares tenha migrado mais para norte, para Montachique.

A 16 de Junho de 1886, Cesário escreve uma carta a um amigo, datada de Caneças:

*A minha nova pequena casa é tudo o que há de mais rústico e de mais pitoresco; da janela do meu quarto, estendo o braço, toco a rama dum pinheiro balsâmico e bravo. De roda tudo pinhais espessos e rumorejantes. Não fica na Caneças oficial e consagrada, dos Hintzes e dos hotéis; fica longe, do outro lado das ribeiras e dos pomares, no sítio a que chamam **O Lugar d'Além**. Sabes quem fez esta minha habitação? Foi o próprio dono, mestre carpinteiro e marceneiro, à hora presente fabricando com mais 30 companheiros, numa grande oficina do Aterro, uma rica mobília para a princesa de Orléans...*

Mas subitamente chegam-me dúvidas, descrenças, terrores do futuro. Curo-me? Sim, talvez. Mas como fico eu? Um cangalho, um canastrão, um grande cesto roto, entra-me o vento, entra-me a chuva no corpo escangalhado. (SERRÃO, s/d).

Segundo a 3^a. edição da **Obra Completa de Cesário Verde**, organizada, prefaciada e anotada por Joel Serrão, o poeta teria falecido em Caneças, no dia 19 de Julho, com 31 anos de idade. Mas a mesma edição refere, em nota, que o Diário de Notícias de 20 de Julho de 1886 comunicava que o falecimento se verificara «numa casa do Lumiar». Assim, a nossa excursão terminaria no Paço do Lumiar, junto a uma casa que ostenta uma lápide alusiva à última morada do Poeta.

A ESCALA

A questão da escala é central nas abordagens geográficas, sendo que o âmbito da disciplina é muito mais limitado do que à primeira vista poderá parecer – do local ao global! Ou da rua ao planeta! Ainda assim é muito pouco, como assinala Peter Haggett, na sua escala, com uma magnitude que varia entre 10^{-20} e 10^{30} cm, que vai da menor à maior distância mensuráveis, o campo da Geografia aparece limitado pelos tamanhos de um ser humano e da Terra (HAGGETT, 2001, p. 21).

Esta continuidade e articulação de escalas é também indispensável nos estudos da paisagem. Embora se verifique a persistência no enfoque da meso-escala, com alguma tendência para se procurar mais o local, não pode ser esquecido que as manifestações nesse âmbito reflectem sempre fenómenos de outra amplitude.

«Our streets! Our world!», o «grito» de Seattle, nas manifestações contra a globalização, são as palavras com que Don Mitchell inicia um artigo recente sobre o «perigo» de isolar o *local* de contextos mais alargados e, sobretudo, do global (MITCHELL, 2001). Como o autor refere, o título do seu artigo, «the lure of the local...», é inspirado no livro espantoso de Lucy R. Lippard, *The Lure of the Local – senses of place in a multicentered society* (LIPPARD, 1997) onde, através de uma série de narrativas da América do Norte (ilustradas por excelentes fotografias), se segue um programa «anunciado» numa citação de Michel Foucault, com que inicia a obra: «We are in the epoch of simultaneity; we are in the epoch of juxtaposition, the epoch of the near and the far, of the side-by-side, of the dispersed.» (in LIPPARD, 1997, p. 4).

Explorando a obra de Lippard, Don Mitchell evidencia os «engodos» da abordagem local da paisagem e seu dinamismo, se não for feita a inclusão no contexto da reestruturação económica global. Concluindo que «Local theory – the lure of the local – is not enough.» (MITCHELL, 2001, p. 278), pois «A multicentered world, as Lippard makes clear, must be one that is not localist, but fully reciprocal. So must our theories of landscape.» (MITCHELL, 1997, p. 279).

As escalas, do espaço e do tempo, são fundamentais para entender e sentir (entender o sentido; sentir o entendimento) a paisagem, como tão bem podemos encontrar, mais uma vez, num poeta, neste caso, Carlos de Oliveira e a sua **Micropaisagem**:

*O céu calcário
duma colina oca,
donde morosas gotas
de água ou pedra
hão-de cair
daqui a alguns milénios...*
.....

*Imaginar
o som do orvalho,
a lenta contracção
das pétalas,
o peso da água
a tal distância,
registar
nessa memória...*
.....

*Localizar
na frágil espessura
do tempo,
que a linguagem
pôs
em vibração...*
.....

(CARLOS DE OLIVEIRA, *Trabalho Prático*, segundo volume, pp. 31-34, Sá da Costa, Lisboa, s/d.)

BIBLIOGRAFIA

- BÉGUIN, F. (1995) – *Le Paysage*, Paris, Flammarion.
- BERQUE, A. (1990) – *Médiance – de milieux en paysages*, Montpellier, Reclus.
- BERTRAND, G. (1984) – Les Géographes Français et leurs Paysages, *Annales de Géographie*, 516: 218-229.
- BUNGE, W. (1966) – *Theoretical Geography*, Lund, Glerup.
- CABANEL, J. (1995) – *Paysage Paysages*, Paris, Jean-Pierre de Monza.
- CLAVAL, P. (1995) – *La Géographie Culturelle*, Paris, Nathan.
- COSGROVE, D. (1984) – *Social Formation and Symbolic Landscape*, London, Croom Helm.
- COSGROVE, D. (1985) – Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea. In *Transactions of the Institute of British Geographers*, 10: 45-62.
- COSGROVE, D. and DANIELS, S. J. (1987) – *The Iconography of Landscape*, Cambridge, University Press.
- CRANG, M. (1998) – *Cultural Geography*, London, Routledge.
- CRÉPON, M. (1996) – *Les Géographies de l'Esprit*, Paris, ed. Payot et Rivages.
- DEMATTEIS, G. (1989) – I Piani Paesistici: uno stimolo a ripensare il paesaggio geografico, *Revista Geografica Italiana*, 96: 445-457.
- DEMATTEIS, G. (1995) – *Projetto implicito – il contributo della geografia humana alle scienze del territorio*, Milão, Angeli, p. 47.
- GASPAR, J. (1997) – Códigos para uma Geografia in PEREIRA, A. S., *Manto de Ceres*, Idanha-a-Nova, Centro Cultural Raiano: 5-12.
- HAGGETT, P. (2001) – *Geography – a Global Synthesis*, London, Prentice-Hall.
- HERCULANO, A. (sem data) – *Cenas de um ano da minha vida e Apontamentos de viagem*, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio, Lisboa, Livraria Bertrand.
- KRYGIER, J. B. (1998) – Place Taste and the Taste of Place: Centralia, Pennsylvania. In *Globehead! The Journal of Extreme Geography* (Vol. 1: Thing 2, 1995). Ver em www.shulersnet.com/coal-cracker/placetst.htm.
- LEY, D. and SAMUELS, M. S., eds. (1978) – *Humanistic Geography – Prospects and Problems*, London, Croom Helm.
- LIPPARD, L. R. (1997) – *The Lure of the Local-senses of Place in a Multicentered Society*, N. York, The New Press.
- MITCHELL, D. (2000) – *Cultural Geography – A Critical Introduction*, Oxford, Blackwell.
- MITCHELL, D. (2001) – The Lure of the Local: Landscape Studies at the end of a Troubled Century, *Progress in Human Geography*, vol. 25, 2: 269-281.
- NAKAMURA, Y., FRIELING, D., HUNT, J. D. (1993) – *Trois Regards sur le Paysage Français*, Seyssel, Champ Vallon.
- OHNO, R. e KABAYASHI, M. (1997, 1998) – Smellscape as a concept of City Planning and Design. In www.top.enveng.titech.ac.jp
- PÉRIGORD, M. (1996) – *Le Paysage en France*, Paris, P.U.F.

- PINCHEMEL, P. et PINCHEMEL, G. (1992) – *La Face de la Terre – Éléments de Géographie*, Paris, A. Colin, 2.^a ed. (1.^a ed. 1988).
- PORTEOUS, J. D. (1977) – *Environment and Behaviour: planning and everyday urban life*, Addison-Wesley, Reading-Mass.
- PORTEOUS, J. D. (1982) – Approaches to environmental aesthetics, *Journal of Environmental Psychology*, 2: 53-66.
- PORTEOUS, J. D. (1985) – Smellscape, *Progress in Human Geography*, vol. 9(3): 356-378.
- SCHAFER, R. M. (1977) – *The Tuning of the World*, A. Knopf, Inc. New York. Trad. francesa *Le paysage sonore*, Paris, J. C. Lattès, 1979.
- TUAN, Y-F (1993) – *Passing, Strange and Wonderful – aesthetics, nature and culture*, Washington, D.C., Islands Press.
- UNAMUNO, M. (1907) *Por Tierras de Portugal y de España*, 5.^a ed., Espasa-Calpe, 1960.